

| | |
|--|--|
| Superintendência Regional de Educação | Nilza Pereira Leite |
| Categoria | Boas Práticas na Gestão Escolar |
| Autor | Andressa C. Moraes Paraiso |
| Escola | EEEFM Arlindo Ferreira Lopes |
| Título do Relato de Prática | Educar para Florescer – Estética Pedagógica e o Combate ao Racismo Ambiental |
| Período de realização | Março a setembro. |

RESUMO

O projeto foi conduzido pela equipe gestora, que desejava que a estética pedagógica da escola comunicasse aos estudantes o orgulho e a beleza de ser negro e indígena, considerando que, segundo o censo escolar, desde 2024 nossos estudantes majoritariamente se declaram pretos e pardos. Para isso, reestruturamos os ambientes escolares, implantamos espécies nativas da Mata Atlântica e criamos murais que exaltam a ancestralidade negra e indígena. Mais do que um paisagismo, essa ação trouxe para dentro da escola o verde historicamente negado ao território da nossa comunidade, afirmando o direito à natureza como parte da cidadania dos nossos estudantes e conectando a estética pedagógica ao enfrentamento do racismo ambiental.

RELATO DE PRÁTICA

Quando iniciei este projeto na escola, eu sabia que o desafio não seria pequeno. Nossa comunidade carrega as marcas da desigualdade social e ambiental: poucos espaços verdes, pouca representatividade nos símbolos urbanos e um histórico de invisibilidade das vozes negras e indígenas. Eu me perguntava: como uma escola pode se tornar um espaço de cura, de pertencimento e de transformação? Foi desse questionamento que nasceu a ideia de investir na estética pedagógica e no combate ao racismo ambiental. Desde o início, eu quis que cada parede, cada jardim e cada detalhe falasse com nossos estudantes. A estética, para nós, não era apenas enfeite: era linguagem, era poesia e pedagogia. Escolhemos cores, símbolos e

plantas com a intenção de criar diálogos com a ancestralidade, de despertar orgulho e de construir identidade. Lembro-me do brilho nos olhos dos estudantes quando apresentamos o projeto de paisagismo: plantaríamos espécies nativas da Mata Atlântica, o bioma que um dia recobriu nossa região. Não era apenas reflorestar o pátio, era resgatar uma história de pertencimento roubada pelo descaso ambiental. As conversas com os professores foram fundamentais. Eles trouxeram ideias de como utilizar os novos espaços como recursos pedagógicos: o jardim virou sala de ciências viva, os murais se tornaram ferramentas para aulas de história e de arte, os corredores se transformaram em galerias que inspiram diálogos sobre cidadania. Aos poucos, percebi que a escola deixava de ser apenas cenário e se tornava protagonista do processo educativo. O momento mais marcante para mim foi ver nossos estudantes, em sua maioria negros, caminhando pelos corredores e pátios reconhecendo-se nos murais: figuras negras e indígenas, mulheres, meninas com seus adornos, cabelos afro-brasileiros e referências culturais que sempre lhes foram negadas. Uma dessas estudantes me disse: “Diretora, parece que agora a escola é nossa de verdade. Eu consigo me ver aqui” – apontando para um dos painéis. Essa frase ecoa em mim até hoje, porque sintetiza tudo o que buscamos: transformar a escola em território de resistência e orgulho. Enfrentamos desafios, é claro. Nem sempre havia recursos disponíveis, reuniões com os conselheiros da escola para argumentar a importância da representatividade e sim, muitas vezes precisávamos reinventar materiais e estratégias para que o projeto pudesse acontecer. O que mais me emocionou, entretanto, foi ver a forma como os estudantes abraçaram a proposta depois que os espaços de representatividade foram estruturados. Inspirados pelo novo ambiente escolar, eles se inscreveram na Conferência Nacional Infantojuvenil do Meio Ambiente e passaram a promover ações de engajamento dentro da escola. Em rodas de conversa e apresentações criativas, compartilharam com as demais turmas reflexões sobre meio ambiente e racismo ambiental, tornando-se multiplicadores do que viveram e aprenderam. Um deles, líder de sala e representante da escola no Comitê Regional de Líderes, me disse na reunião de fluxo mensal: “Diretora, uma das pautas do comitê é o racismo ambiental e eu fiquei feliz, pois a nossa escola já está fazendo aqui o que lá é ainda uma proposta”. Esse movimento mostrou que o projeto plantou, sim, sementes — mas dentro de cada estudante, que agora florescem em consciência, protagonismo e esperança. Ao final, avaliamos que o projeto superou nossas expectativas. Os estudantes passaram a se engajar mais nas atividades, cuidam do espaço como parte de sua identidade

e, sobretudo, compreendem a relação entre justiça social e ambiental. Mais do que embelezar a escola, criamos um espaço de aprendizagem crítica e de valorização da vida. Hoje, olhando para o percurso, percebo que esse projeto não foi apenas sobre a escola, mas sobre a comunidade inteira. Ele pode, sim, ser replicado em outras unidades escolares, porque o que fizemos aqui não depende de luxo ou grandes investimentos, mas de consciência, de participação coletiva e de coragem para transformar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Relações étnico-raciais, educação e cidadania. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 37, 2008.

PACHECO, Tania. Desigualdade, injustiça ambiental e racismo: uma luta que transcende a cor. Vol.18, 2008.

ANEXOS





Antes e depois do pátio escolar: da área sem identidade para o espaço requalificado com murais, jardins e áreas de convivência.



Micro floresta de Mata Atlântica implantada no espaço escolar, integrando o paisagismo pedagógico e o combate ao racismo ambiental.



Painel “Estética Pedagógica”, utilizado em formação da equipe escolar, destacando intencionalidade e enfrentamento do racismo ambiental.



Mural “Raízes que Educam”, representando ancestralidade negra e indígena e roda de conversa dos estudantes sobre meio ambiente e racismo ambiental, realizada nos novos espaços de convivência.



Apresentação do projeto para a Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente, com protagonismo estudantil.

